

Professor de Filosofia da universidade de Cambridge, Simon Blackburn tem se destacado e ganhado respeito pela amplitude de seus trabalhos: de obras "populares" de introdução à Filosofia, como *Think*, passando pelo campeão de vendas *Dicionário Oxford de Filosofia*, até a edição do importante periódico *Mind* e incontáveis participações como crítico em grandes jornais, programas de discussão em rádios do Reino Unido e conferencista consagrado. O grande traço de Blackburn em suas obras é o bom humor, a ironia requintada, a capacidade de provocar e o talento de aliar isso tudo com erudição e leveza. Sem dúvida, um grande escritor.

Problema tão antigo quanto a própria humanidade, a verdade permanece como um dos grandes pontos - senão o maior - de "desconforto" para a Filosofia. Mais do que oferecer uma grande teoria sobre a verdade, Blackburn consegue demonstrar, de forma sagaz e estimulante, que a verdade é, enfatize-se, o maior e essencial problema da Filosofia. Para comprová-lo, o autor percorre a história da Filosofia (não cronologicamente, mas reunindo temas e teses, o que permite um olhar mais preciso sobre a matéria) e apela às posturas (e imposturas) de cada um de nós, no dia-a-dia, relacionadas à verdade.

"Fé, Crença e Razão", o primeiro capítulo da obra, vale-se de problemas de filosofia da religião para mostrar as nada simples possibilidades de distinguir satisfatoriamente fé de crença e razão. As questões de filosofia da religião são apenas, como o próprio Blackburn confessa, uma forma de levantar o problema maior, supracitado. Neste capítulo, analisando obras de William Clifford e William James, já fica evidente a tendência de Blackburn em se posicionar mais favoravelmente ao lado dos empiristas e céticos, não sem atribuir-lhes dificuldades, é claro.

No segundo capítulo, "Homem: a medida", Blackburn começa com uma análise da crítica de Platão a Protágoras, no *Teeteto*. O capítulo destaca-se pelas brilhantes reflexões sobre o ceticismo e especialmente sobre o relativismo, assinalando que o relativismo reside mais na desconfiança da "divindade" do logos

BLACKBURN, Simon. *Verdade: um guia para os perplexos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 350 p.

"O mundo todo é esquisito, exceto você e eu.
E até você é um pouco esquisito".

(Provérbio de Yorkshire)

do que numa série de exemplos tirados do cotidiano.

“O efeito de Ismael e os deleites de ficar quieto”, terceiro capítulo, prossegue com uma série de defesas em favor dos relativistas contra os ataques de quem quer que seja. É, certamente, o capítulo mais complexo e mais exigente do livro. A argumentação de Blackburn é de nos deixar... perplexos, especialmente porque, como demonstra, é muito sutil a possibilidade de um relativista afirmar sua posição sem se contradizer, afinal, assumir uma posição dificilmente poderá não ser absolutizada. Mas com cuidado os relativistas conseguem fazê-lo. O resultado final, até agora, é o de uma sensação de que não há mais nada a ser discutido e o problema é insolúvel. Com argumentos bons de ambos os lados, escolhemos ser platônicos (absolutistas) ou relativistas, tanto faz, pois o problema da verdade só será efetivamente posto quando tivermos questões práticas muito pontuais para tratarmos. É chegada a hora de Nietzsche.

O quarto capítulo é uma interessante análise das contribuições (ou prejuízos) que a filosofia de Nietzsche, o “maior crítico da cultura moderna”, trouxe ao tema da verdade. Principia por revelar como problemas anteriormente postos pela obra se elevam à máxima potência em Nietzsche, em particular a célebre contradição “é verdade que não existem verdades”. Verdade, para Nietzsche, é uma categoria que possibilita o prosseguimento da vida e aumenta a vontade de potência, e não algo que corresponda à natureza das coisas. Nesse sentido, Nietzsche, apesar de suas tantas contradições, profetizou nossa condição atual.

Capítulo cinco: “A possibilidade da Filosofia”. Seu interesse reside na classificação de quatro posições filosóficas passíveis de serem assumidas hodiernamente: Eliminativismo, Realismo, Construtivismo e Quietismo. No mais, é o capítulo que fica devendo. Conclui unilateralmente com Wittgenstein.

Como aconteceu de se ausentar o espírito de “Harvard, Oxford, Paris ou Tübingen” nos últimos 50 anos é a finalidade de Blackburn no sexto capítulo.

Dialogando com toda tradição filosófica inglesa, até o que Blackburn chama de “os últimos membros do paraíso”: os positivistas lógicos da década de 20; depois só houve escuridão. Merecem destaque, aqui, as reflexões do autor sobre as ciências naturais e a possibilidade de teorização, esta, à propósito, uma indagação subjacente a todo livro.

“Realismo como ciência; Realismo sobre a ciência” é como Blackburn intitula seu sétimo capítulo, no qual aprofunda a investigação sobre a “natureza das ciências naturais”. Mais: levanta o problema de uma nova interpretação para um realismo razoável. Até aqui, Blackburn nos convenceu de que é melhor ficarmos do lado dos relativistas. Ao falar das ciências contemporâneas, apesar da fundamentação pragmática, Blackburn consente que haja razões para crer que há um realismo possível.

O último capítulo, “os historiadores e os outros”, enfatiza a questão da diversidade de subjetividades e de como o processo de conhecimento objetivo será, no fundo, um exercício de poder, o dominar o outro por compreendê-lo ao meu modo ou por fazê-lo pensar – ou se expressar – segundo meus padrões. Estabelece um frutífero diálogo com Donald Davidson e com a filosofia da linguagem de um modo geral.

O livro termina sem uma conclusão. Natural: o objetivo de Blackburn era mais o de provocar, situar o leitor nos muitos debates sobre a verdade e o conhecimento objetivo do que construir uma teoria da verdade. Mas, por fim, Blackburn convida-nos a ter esperanças de que: 1. as questões possuem suas próprias normas de verdade; 2. em face a problemas efetivos, o relativismo é só distração; 3. nas ciências humanas, diferença de perspectiva não é o mesmo que ilusão ou erro; 4. Mesmo sem encontrar um logos divino e definitivo, podemos “nos virar”; 5. Acima de tudo, o importante é abriremos nossas mentes, considerar as possibilidades e ao mesmo tempo confiarmos em nosso vocabulário e “removermos as aspas pós-modernistas das coisas com as quais devemos nos importar: verdade, razão, objetividade e confiança.”

O mundo que nos cerca é desconcertante e não podemos abrir mão de quereremos entendê-lo.

Não se pode acusar Blackburn de ser tendencioso. Ele o é! Mas a sua capacidade de nos incomodar com o problema da verdade e nos fazer assumir que este assunto não está resolvido supera qualquer orientação do livro. O "guia para os perplexos" nos deixa perplexos e assim a obra é uma excelente leitura dentre as que se pretendem filosóficas. Ao neófito, sem uma linguagem filosófica propriamente amadurecida e sem uma certa visão panorâmica da história da Filosofia, a obra de Blackburn pode parecer inacessível, mas em algum momento ela será obrigatória.

Professor Fabiano Stein Coval
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

